

Meio: Jornal Nordeste

Data: 1 de Abril 2014

O trabalho meticuloso da preparação da seda artesanal



Três artesãs de Freixo de Espada à Cinta garantem a continuidade desta arte tradicional

► Artesãs de Freixo de Espada à Cinta não querem deixar morrer uma tradição única no País que tem séculos de história

TRÊS ARTESÃS

■ Susana Martins, Maria Amélia Afonso e Mília Martins são as três artesãs que ainda se dedicam à preparação da seda artesanal em Freixo de Espada à Cinta. Tudo começa com a criação do bicho-da-seda, depois de obter os casulos e depois retira o fio, prepará-lo e é no tear que ganha várias formas, desde os ruygrosos às encharpes.

O processo é longo, moçoso e requer um trabalho minucioso.

Mas o que move estas três mulheres é dar continuidade a uma tradição secular, que ao que conta a história foi introduzida em Freixo de Espada à Cinta pelos missionários que vieram de Macau.

Esta é também uma tradição única no País e na Europa. É o único sítio na Europa onde se faz a extração da seda natural, garante Susana Martins, uma das artesãs que aprendeu esta arte depois de fazer um curso, há cerca de 10 anos.

Susana, de 39 anos, é a artesã mais jovem a seguir esta tradição. Garante que antes da formação não teve contacto com o processo de preparação da seda, mas acabou que conforme foi aprendendo foi se apaixonando pela arte. Mas tarde até chegou a dar formação a outras pessoas, para que o saber se vá espalhando e a tradição não morra em Freixo de Espada à Cinta.

"Gosto muito de todo o processo da seda, desde a criação, à

extração. Se no tear é que não se trabalha", assegura Susana.

O processo começa com a criação do bicho-da-seda. "Demora muito tempo e é muito trabalhoso. Temos que ir receber a fêlta, alimentá-lo, limpar os bichos, seleccionar os casulos por tamanhos, depois da criação feita temos que deixar nascer os que queremos para o ano seguinte e depois é que fazemos a extração do fio", descreve Susana Martins.

"Na extração começamos por retirar a seda de primeira", explica a artesã Susana Martins.

Peças de seda fazem parte do espólio das famílias mais ricas de Freixo de Espada à Cinta.

A artesã conta que este é um bicho muito sensível que tem que ser criado em casa. "Isto é uma larva que desde que nasce tem que ser cuidada praticamente como um bebé. Tem que estar sempre à mesma temperatura, se por acaso colheirmos a fêlta, melhada temos que limpar uma a uma com um pano de algodão, quando há trovoadas se estiverem em fase de criação morrem", assegura Susana.

A pesar de o trabalho da extração e transformação da seda ser dividido entre as três artesãs, a criação do bicho-da-seda é feita por todas, para garantir a continuidade da espécie, que é imprescindível para obter a afamada seda de Freixo de Espada à Cinta.

"Quando o bicho-da-seda está a comer para fazer o casulo para nós é a parte mais bonita. Isto é entre Maio e Junho", confessa Maria Amélia Afonso, de 76 anos.

Trabalho totalmente manual

Depois de obter os casulos, Susana Martins senta-se em frente a uma caldeira de cobre e tem a tarefa minuciosa de retirar o fio dos casulos. "De cada casulo sai entre os 800 a 1500 metros de fio. Quanto mais a larva comer melhor fica o casulo e mais seda produz", afirma a artesã.

Mas como é que se retira tanto fio dos casulos? Perguntamos, Susana responde prontamente: "Na extração utilizamos a seda de primeira. Temos uma caldeira com água a 90 graus, onde são postos os casulos a aquecer, depois com uma escova feita de casqueja a mergulhar na água apertam os fios, porque o fio que vai sendo é de vários casulos ao mesmo tempo, depois quando o fio de um casulo termina vou apertar mais e continuar o processo", descreve a artesã.

E depois de se obter o fio ele é trabalhado ao poder ser transformado no tear. "Depois do sarilho a moda está seca e vai para a albardoura, onde é aberta a trama, são separados bem os fios, e é doado em cartões de papel para fazer o cobilho, que depois é lavado com um feno, que é o que lhe dá a resistência. Depois volta-se a fazer outra moda que vai a cozer com água e sabão que é para branquear a seda", explica Susana Martins.



Casulos furados aproveitados para a criação e seda de segunda

Mas não é só seda de primeira que se retira dos casulos. Dos casulos furados ou rejeitados na caldeira de cobre é retirada a chamada seda de segunda. E é nesta parte que Maria Amélia Afonso trabalha em força. "Os casulos furados vão ser fervidos com água e sabão numa caldeira, depois faz esta pasta, que é lavada e vai a secar, depois fica branquinha e depois fia-se. É um processo parecido com o da lã, mas a roca é diferente", conta a artesã, que aprendeu a arte há 25 anos, também num curso que se realizou na vila de Freixo.

O fio da seda de segunda é mais grosso, por isso é mais utilizado para fazer o relevo nas peças. "É seda de segunda, mas não deixa também de ser muito boa. A diferença está na preparação", assegura Maria Amélia.

"Trabalhamos com amor e carinho"

É no tear que as peças de seda, consideradas verdadeiras relíquias, ganham forma. Esse é o trabalho de Júlia Martins, que aos 62 anos trabalha por amor à arte.

Mas antes de explicar como é que as peças vão ganhando forma, Júlia faz questão de dizer que este trabalho tem um significado especial na sua vida, porque está a contribuir

para realizar o sonho de uma tia, que foi quem ressuscitou o ciclo da seda em Freixo.

"Gosto muito de fazer isto tudo com muito amor e carinho. Porque foi uma tia minha, que já tinha 82 anos, que nos ensinou a fazer a extracção da seda, e ela tinha muita pena de morrer sem deixar ninguém a fazer este trabalho", conta.

Mas vamos ao tear. "Agora até tenho cá uma toalinha de baptismo, porque também fazemos muitas. Pomos de um lado o cálice com a espiga de trigo e do outro lado um crucifixo com as letras o meu baptismo. Depois temos a teia de seda, depois a lançadeira



Amélia Afonso a fiar a seda de segunda

com a canela, que é o fio que vai fazer a trama, de depois tenho uma navete, que é uma agulha de pau que é para fazer estes apanhadinhos", explica a artesã.

E depois de voltas e mais voltas saem então as peças de seda de Freixo de Espada à Cinta. Cobertas, almofadas, nappérons, encharpes são algumas das peças de seda artesanal vendidas em Freixo, mas o negócio já teve melhores dias.

Peças valiosas

O preço elevado das peças (uma encharpe desta seda custa cerca de 500 euros), aliado ao baixo poder de compra contribui para que o negócio não seja rentável. "São peças que dão muito trabalho a fazer e o que custam não paga o trabalho que dão a fazer. Um jogo de quatro, são três peças, anda à volta dos 600 euros. Quase não paga só o trabalho da tecelagem, quanto mais a parte da criação e extracção do fio", assegura Susana Martins.

Por isso, a artesã não tem dúvidas que só são possível manter esta tradição com apoios. "Até há juvenis interessados em aprender, o problema é que isto não é muito rentável. Por mais amor que se tenha a isto, e eu gosto muito disto, não dá para nos pormos por nos conta a fazer isto, porque não dá rendimento para isso", afiança Susana Martins.

Apesar de este negócio já ter tido melhores dias, Júlia Martins acredita que comprar



Peças de decoração feitas à base de casulos furados



Júlia Martins explica o processo de preparação do fio



As peças de seda confeccionadas pelas artesãs

uma peça de seda é um bom investimento. "São peças caras, mas a nossa seda é como que seja uma relíquia. Porque hoje ainda fazemos, mas amanhã ou passado pode não haver ninguém. E quem comprar uma peça destas um dia mais tarde pode dizer, esta peça foi feita pelas senhoras de freixo que faziam desde a criação do bicho-da-seda até à confecção destas peças únicas", remata Júlia Martins.

Famílias ricas guardam verdadeiras relíquias

► É nas casas das famílias mais ricas em Freixo de Espada à Cinta que ainda se encontra o maior número de peças de seda. "Há muitos anos atrás fazia-se muita criação do bicho da seda em casas particulares, que faziam criações e depois vendiam os casulos nas casas ricas e a minha tia ia fazer a extracção da seda para as casas ricas, porque aqui em Freixo há muita seda, mas é nas casas ricas", conta Júlia Martins. Susana Martins acrescenta que a Igreja também ainda tem muitas peças em seda artesanal de Freixo de Espada à Cinta.